

O espetáculo de sobrevivência de Sofía Devenir

The survival spectacle of Sofía Devenir

El espectáculo de supervivencia de Sofía Devenir

Bárbara Piazza dos Reis

Priscila Lira de Oliveira

<https://doi.org/10.20396/proa.v15i00.20134>

PROA

revista de antropologia e arte

dossiê

volume 15 | e025015

O espetáculo de sobrevivência de Sofia Devenir

Bárbara Piazza dos Reis

 <https://orcid.org/0000-0002-9049-5507>
> contato.antropoiesis@gmail.com

Doutoranda em Comunicação
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Priscila Lira de Oliveira

 <https://orcid.org/0009-0008-3270-1086>
> priscilaliradeoliveira@hotmail.com

Doutora em Letras
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Resenha de DEVENIR, Sofia. **DES-UBICÁ: Memórias de Una Dinosauria Travesti Sudaka**. Santiago de Chile: Editorial Gata Kuir, 2018.

Des-ubicá — Memórias de Una Dinosauria Travesti Sudaka, título marcado pela costumeira pronúncia chilena da palavra *desubicada* (deslocada, desorientada), foi uma publicação independente de Sofia Devenir em formato de zine-colagem, lançada pelo Editorial Gata Kuir em 2018. Sofia é historiadora, artista, trabalhadora sexual e compositora integrante da banda travesti *Las Indetectables*, junto de Noelia Shalá e Divina Tota.

A obra, majoritariamente composta por poemas, é dividida em seis seções: 1. a) *Presentación de la autora* / b) *Prólogo: “Un Espectáculo de Sobrevivencia...”* por Noelia Shalá; 2. a) *NORMA* / b) *Devenir* / c) *Satélites*; 3. a) *Por um Feminismo Monstruoso* / b) *Aborta \$hile*; 4. a) *Mentira* / b) *Muro* / c) *Contigo* / d) *La Loka*; 5. *Memórias de una Dinosauria Travesti Sudaka*; 6. *Agradecimientos y créditos*.



Imagem 1: Capa de *Des-ubicá*. Fonte: *Des-ubicá: memorias de una dinosauria travesti sudaka*, de Sofia Devenir (2018).

Já na capa, é possível adentrar uma estética da inadequação. A chamada “*las monstruas no menstruamos*”, sobreposta a fotografia de bebês de plástico aparentemente ensanguentados, é seguida de duas palavras que caem em direções diametralmente opostas — “*autodefensa*”

e “*monstruamos*” — e delineiam um telhado, cujo interior guarda um corpo humano feminino com uma *lingerie* negra e uma cabeça verde de dinossauro. As pernas, imersas em um colorido magenta, estão ao lado de mais uma mensagem textual, desta vez uma manchete publicitária: “3 razones para preferir Tampax”.

Na apresentação da obra, Sofia conta que o livro compila textos de performances realizadas por ela desde meados de 2014. Apesar da grande dor e angústia que carregam consigo, são poemas pessoais dotados de musicalidade — alguns acompanhados de cifras —, cujo sentimento tem como fonte o regime político capitalista e heterossexual e o policiamento interiorizado nas subjetividades, sobretudo as ditas progressistas, para justificar o controle estatal e comercial. Sofia nos convoca, portanto, a um processo de desconstrução que parta do próprio corpo e dedica sua obra “às perdidas, às viciosas, às putas, às que resistem a ser categorizadas”, em suma, “às deslocadas da festa”, excluídas de algum espaço político ou recreativo por não cumprirem o que se espera e questionarem seu lugar, outrora imposto. Noelia Shalá complementa a apresentação e menciona ter sido parte do 24º aniversário de Sofia, onde ela revelou para a família sua transexualidade. Noelia, “ainda camuflada naquela identidade masculina temerosa” e oprimida pela culpa, agradeceu testemunhar o que considerou um “ato de emancipação”, um “espetáculo de sobrevivência” em oposição à normatização de uma humanidade seriada.

Na segunda seção, o texto *NORMA* concentra-se em criticar as normas que se reproduzem para além dos aparatos legais, militares e heterossexuais: trata-se das normas que contaminam o próprio movimento feminista, impondo verdades e padrões de beleza de personagens e de ideais que apenas reforçam um sistema já em decadência. “Não precisamos trocar um sujeito revolucionário por outro, devemos abortar o sujeito revolucionário”, insiste. A corporalidade, para ela, deve ir além do próprio discurso e de suas dicotomizações binárias, constantemente desconstruindo leis subjacentes, na direção de reflexões que busquem escutar a alteridade e as complexidades da [nossa] história e memória sulamericanas, “não heterossexuais e resistentes à moral ocidental”. O poema *Devenir* é, concomitantemente, um lamento pela ausência de abrigo às mutações pelas quais as identidades *queers* passam ao longo de suas existências e a explicação de um término amoroso, onde o interlocutor personifica nossa realidade sistêmica, que preza pela constância e imutabilidade impossíveis a qualquer indivíduo. Mesmo consciente, o eu-lírico assume que esse contexto afeta a compreensão de si mesmo, gerando uma espécie de autoagressão subjetiva, lida em: “*un día como cualquier otro / en el que luchaba contra mí misma*”. A saída encontrada pelo eu-lírico é praticar uma pedagogia do avesso, onde o reconhecimento cede lugar ao estranho. Não há, nessa prática, um desenvolvimento e expressão clara de conceitos, mas um autoaprendizado enraizado no desejo de reconhecer as próprias estranhezas e usá-las como formas de expressão, gerando, assim, efeitos, afetos, questionamentos também na alteridade. Porém o poema seguinte, *Satélites*, explica as angústias geradas por essa cisão com a norma. Se agora o eu-lírico parou de guerrear contra si mesmo, consequentemente sofre com julga-

mentos externos em torno de sua não conformidade com a imagem feminina cisgênera. Essa mesma angústia é enfrentada no poema *Por um feminismo monstruoso* a partir da estratégia apresentada anteriormente, e no poema *Devenir*, porém, agora o eu-lírico atravessa um número maior de identidades, ultrapassando as exigências em torno da feminilidade. Ao abraçar o desconhecido em si, as suas margens da norma, o eu-lírico se percebe além de mulher. Dessa vez ganham destaque os insultos violentos a gays, feministas, transgêneros, indígenas. Contudo, essas expressões são absorvidas e externalizadas como totem. Os tabus atribuídos a essas minorias são transfigurados em motivo de orgulho, gerando um espelhamento irônico do violento discurso normativo.

O poema *Aborta \$hile* expressa a percepção do sujeito acerca das instituições que o rodeiam, mostrando-as como responsáveis por sentimentos semelhantes aos trazidos por seus antigos amores. Por isso precisam também ser rejeitadas, abortadas simbolicamente, ainda que persistam materialmente na sua história. Nesse contexto entra a função da mentira no poema homônimo. Abortadas as instituições como a polícia e o governo, resta a necessidade de sobreviver a eles, onde o fingimento exerce papel fundamental. Neste texto, o eu-lírico defende a não necessidade de assumir-se dissidente da norma, tendo em vista que um enfrentamento tão sincero, muitas vezes, pode ser mais destrutivo a si do que à própria norma. Logo, esse retorno repetitivo aos padrões normativos, mais do que fantasmático, como vimos anteriormente, pode ser também uma estratégia de sobrevivência. Mais uma vez encontramos a pedagogia do/ao avesso de Sofia Devenir, onde os hipócritas valores éticos — sempre subvertidos e usados como máscaras pela própria cis heteronormatividade — são desmascarados e ensinados como tática de guerra. Toda essa violência em forma de resposta acaba se solidificando no eu-lírico ao ponto de se tornar um sentimento irônico de raiva, levando a indagar-se sobre o sentido da vida em um mundo tão cerceado, onde a convivência só é possível pela agressão ou pela separação, onde as vozes se comunicam, mas apartadas por um “muro” em comum: a lembrança. Esse sentimento de perda irremediável causada, não pela morte, mas por nossa intolerância e agressividade, torna-se o passado do eu-lírico e leva-o a pensar sobre a velhice e a solidão dos dissidentes, causando, assim, certo cansaço da voz poética, que desperta no poema *La loka* com a mesma voracidade do início da obra, mas em outro momento da vida, eufórica pelo fim. O caminho percorrido pelo eu-lírico de Devenir abre nossos olhares para inúmeras trajetórias brasileiras. Apesar da linearidade, ou circularidade, encontrada nos poemas, onde há uma tomada de consciência, seguida de uma euforia política, social e terminando em um declínio solitário; vemos que, nas histórias das dissidências, muitas personalidades incorporam, principalmente, uma dessas veredas.

Vemos isso acontecer no frenesi de Erika Hilton, que atravessou a emocionante e desafiadora rotina da prostituição, até chegar na posição de vereadora mais votada do país em 2020 e de melhor deputada federal do Brasil em 2024; conhecida por uma oratória firme e combativa, além de manter uma forte presença em movimentos de militância LGBTQIAPN+ e pelos direitos das trabalhadoras sexuais (Câmara dos Deputados, 2023, *online*). Por outro

lado, a influencer trans Wanessa Wolf (Alves, 2023, *online*) – famosa no meio dos *games* e na comunidade LGBTQIAPN+ por conta de suas lives e participações em programas como o *De frente com blogueirinha* – viraliza vídeos expressando uma *persona* solitária, pessimista e engraçada, ao passo que ganha visibilidade pela comédia e pelo sentimento de identificação presente em corpos dissidentes que fogem à própria padronização, tendo arrecadado uma quantia considerável para a causa transexual após as polêmicas envolvendo a transfóbica escritora J.K. Rowling (SBT, 2023, *online*).

O ensaio *Memorias de una Dinosauria Travesti Sudaka* finaliza o livro, demarcando uma expressão pejorativa que os espanhóis utilizam para se referirem aos sul-americanos — “sudaca” — e recordando experiências de sua infância e adolescência vividas no colégio, marcadas por uma postura diferenciada do entorno e identificada com os dinossauros, criaturas já extintas e cuja gestualidade corporal se manifesta de maneira particular. Ver-se maior do que suas colegas de turma cisgêneras e caminhar com as pernas compridas semi-agachadas e os braços recolhidos, apertados no peito, são elementos que contextualizam o apelido que recebera: “*Sofirex*”. A autora considera que seu jeito de andar “dinossauristicamente” acompanhou seu processo de transexualização e sempre foi sinônimo de ridículo.

Sua forma de difundir arte e política, seja cantando nos ônibus que cruzam a cidade, seja em suas manifestações pelas ruas, não validada pela “alta cultura” (associada às galerias e aos museus), questiona a contradição da grande mídia em fetichizar a transexualidade na infância, ao mesmo tempo criminalizando suas amigas transexuais adultas por prostituírem-se e terem uma vida noturna. Sofia também dedica críticas ao feminismo abolicionista, por reforçar uma visão higienista do heteropatriarcado com suas políticas excludentes, assim como a fetichização das transformistas, travestis e putas como “revolucionárias”, quando são resultado de uma história de opressão e precariedade. O linguajar travesti, longe de se pretender como sinônimo da emancipação, é uma fala de sobrevivência. A história travesti, para a autora, não pode ser reduzida a categorias: deve ser lida a partir de uma perspectiva pós-identitária.

Cabe aqui mencionar que a organização *Transgender Europe* vem monitorando os assassinatos de transexuais e travestis notificados pelo mundo desde 2008 e, em seu último relatório, lançado em 2024, observou-se que quase três quartos (73%) dos assassinatos registrados foram cometidos na América Latina e no Caribe. Pelo 17º ano consecutivo, Brasil lidera o ranking, com 30% do total de casos. Trabalhadoras/es sexuais continuam sendo o grupo mais visado de todas as ocupações conhecidas. A proporção de trabalhadoras/es sexuais entre as vítimas (46%), porém, está em seu nível mais baixo desde que o monitoramento começou (2016: 62%; 2008: 84%) (TGEU, 2024, *online*).

Cada vez menos identificada com o papel de historiadora, arqueóloga ou “representante de todas essas ciências humanas”, e cada vez mais identificada com o lugar de uma paleontóloga, “uma dinossaura desenterrando os ossos e fósseis de outras dinossauras, de outras pares que me cumprimentam e conversam com meu vir-a-ser político/sexual”, Sofia celebra seu espetáculo de sobrevivência.

Contribuição de autoria: A autora Bárbara Piazza apresentou o livro, seu projeto gráfico e analisou os primeiros poemas. A autora Priscila Lira analisou as 3 últimas seções do livro e finalizou o texto. Cada autora revisou a própria parte e ambas debateram a revisão do texto completo. A última revisão foi feita pela Bárbara Piazza.

Financiamento: Não houve financiamento para a realização da pesquisa.

Referências

ALVES, Bruno. Wanessa Wolf consegue alterar nome em certidão de nascimento. **Bahia econômica**, 2023. Disponível em: <https://bahiaeconomica.com.br/wp/2023/08/04/wanessa-wolf-consegue-alterar-nome-em-certidao-de-nascimento/>. Acesso em: 17 fev. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Erika Hilton. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/deputados/220645>. Acesso em: 17 fev. 2025.

DEVENIR, Sofia. **DES-UBICÁ: Memórias de Una Dinosauria Travesti Sudaka**. Santiago de Chile: Editorial Gata Kuir, 2018.

REDAÇÃO. Wanessa Wolf, streamer trans, arrecadou 20 mil reais em Hogwarts Legacy. **SBT**, 2023. Disponível em: <https://www.sbt.com.br/variedades/sbt-games/fiquepordentro/251041-relembre-wanessa-wolf-streamer-trans-arrecadou-20-mil-reais-em-hogwarts-legacy>. Acesso em: 17 fev. 2025.

WILL the cycle of violence ever end? TGEU's Trans Murder Monitoring project crosses 5,000 cases. In: **TGEU**. Reportagem publicada em 13 nov. 2024. Disponível em: <https://tgeu.org/will-the-cycle-of-violence-ever-end-tgeus-trans-murder-monitoring-project-crosses-5000-cases/>. Acesso em: 30 jan. 2025.

Submetido em: 02 dez. 2024
Aprovado em: 04 maio 2025

Verificado por análise de similaridade do Turnitin.



“O espetáculo de sobrevivência de Sofia Devenir”, de autoria de Bárbara Piazza dos Reis e Priscila Lira de Oliveira, está licenciado sob CC BY 4.0.

